



INTRANSIGÊNCIA É POUCO !!!

A história de nossas campanhas salariais mostra que, lamentavelmente, as negociações com o Cruesp poucas vezes foram pautadas pela tranquilidade, cordialidade e, especialmente, o respeito que sempre devem reger as relações entre pares.

Desta vez, não está sendo diferente, o que só faz confirmar que mudam os reitores, mas o Cruesp permanece o mesmo...

Completamos hoje dois meses de greve, a mais longas desde aquela que conquistou a autonomia, em 1989. Dois meses de uma greve absolutamente desnecessária e que só se justifica pela intransigência dos reitores; dois meses de sacrifícios desnecessários e injustificáveis, impostos pelos reitores a docentes, funcionários e estudantes das três Universidades Públicas Paulistas.

Relembremos alguns marcos de nossa campanha salarial 2004.

As assembleias das entidades que compõem o Fórum das Seis definiram 16% como reivindicação salarial, marcando, desde o início, que esse é um índice composto: 4,37% para recompor os salários de maio de 2003; 9,41% para recompor salários de maio de 2001; 16% para iniciar a recuperação de perdas inflacionárias anteriores. Destaquemos que o poder aquisitivo de nosso salário foi reduzido em 49% em relação a 1989, um quadro de deterioração assustadora, agravado ainda mais pelo confisco de 5% perpetrado em 2003, pelo governador Zeroaldo. Dito de outro modo: nosso movimento sinalizou, desde a definição da pauta unificada, entregue ao Cruesp no dia primeiro de abril, que nossa reivindicação salarial era extremamente flexível, porque cautelosa e responsável, como sempre, aliás, com o futuro da Universidade Pública.

Deflagramos a greve apenas em 26 de maio,

após recebermos por três vezes a proposta de reajuste zero.

A política salarial apresentada pelo Cruesp foi um acinte, apropriando-se de uma conquista nossa na greve de 2000, para deturpá-la conceitualmente. Ao propor, inicialmente, que somente se considerasse como excedente de arrecadação os valores de ICMS que ultrapassem o limiar de 33,5 bilhões de reais, superior a nossas previsões (33,17 bi), que tentavam – e tentam ainda – ridicularizar, os reitores mostraram sua face mais perversa e insensível e seu descompromisso com os salários das pessoas que constituem a universidade, construindo-a, dia a dia, com seu trabalho e dedicação.

Se os reitores descuidam do patrimônio da universidade pública, é pertinente perguntar que futuro projetam – ou pretendem – para essa mesma universidade?

Pela nossa luta, conquistamos a mudança de alguns parâmetros da

fórmula de política salarial, porém os reitores somente admitiram baixar o limiar que define a partir de que valores de ICMS teremos recuperação salarial para 32,4 bilhões. Baixaram 1,1 bi, é verdade, mas só admitem considerar excedente a arrecadação que seja 1,286 bi acima das previsões iniciais da Secretaria da Fazenda e que embasaram os orçamentos das Universidades, aprovados em seus Conselhos Universitários de dezembro de 2003. Que nome podemos dar a essa postura? Como pensar que os reitores não decidiram financiar a Universidade com nossos salários, utilizando o velho instrumento do arrocho??

Em 22 de junho, os reitores recusaram-se a marcar nova reunião de negociação, embora ainda estivessem acenando com zero na data base e talvez uns trocados em outubro, pela aplicação da fórmula confiscada e destruída. Trocados para nós, apenas

A mesa de negociações não é um campo de batalha; negociar é diferente de quebra-de-braço. O que querem os reitores? A rendição das entidades e da comunidade universitária??

AGENDA DA GREVE

26/07 (segunda-feira):

- □ Ato em frente à Reitoria da Unicamp a partir das 16h00;
- □ Reunião de negociação com o CRUESP, às 17h00.

27/07 (terça-feira):

- □ Assembleia de Docentes, às 14h00, auditório da Adunicamp.

depois que a Unicamp tiver para custeio o que o Reitor Brito da Cruz definiu como sua meta. Seu alvo? Nós, nossa dignidade política, pessoal e profissional, a qualidade de vida que podemos propiciar a nossos familiares. Ah!, sim, e se possível, de quebra, também as entidades sindicais, um dos últimos espaços onde a crítica e a contestação ainda podem ser feitas em voz alta.

Desde então, muita água rolou... Lutamos bravamente na Assembléia Legislativa, por ocasião da votação da LDO, buscando aumentar a quota-parte do ICMS destinada à educação pública no Estado de São Paulo, incluídas aí as Universidades Públicas e o Centro Paula Souza. Afinal, governador e parlamentares têm que entender que expansão de vagas no ensino superior e tecnológico, bandeira de nosso movimento e da qual não abrimos mão, exige recursos permanentes e não pode ser usada como imagem eleitoreira. Perdemos a batalha, mas desencadeamos a discussão, na mídia e na sociedade civil, sobre a necessidade de se entender que recursos aplicados em educação são investimentos e não despesas. Perdemos a primeira batalha, mas voltaremos, até conquistarmos mais essa vitória. E o que ouvimos do Cruesp, na voz de seu presidente, o Prof. Brito Cruz? Que nossa luta atrapalhou as negociações com o governador Zeroaldo e com o presidente da ALESP, deputado Sidney Beraldo, aquele mesmo que se licenciou, após presentear a platéia com gestos obscenos. Do mesmo modo que, ainda na voz do presidente do Cruesp, nossa greve atrapalhou as negociações que vinham fazendo com o governador para que ele cumprisse o parecer do STF, relativo à inconstitucionalidade do desconto de parte do ICMS para habitação, antes do cálculo dos valores a serem repassados a universidades e municípios.

Prof. Brito: o parecer do Supremo Tribunal Federal é de setembro de 2002 ... quanto tempo mais vocês precisam para "negociar com sucesso", segundo suas próprias palavras?

No dia 22 de julho, o Cruesp acedeu enfim em realizar nova reunião de negociação. Um mês após a interrupção pelos reitores. No período: consolidação do crescimento do ICMS, 780 milhões acima das previsões iniciais da Secretaria da Fazenda, todos os

indicadores econômicos indicando retomada de crescimento. Expectativa geral na comunidade universitária: o Cruesp irá propor, no mínimo, a inflação...

O que propõe, enfim, o Cruesp, após mais de uma hora de tergiversação por parte do Presidente do Cruesp? Reajuste de 2% na data-base, entendido como antecipação da aplicação em outubro da fórmula de política salarial.

Considerando que nossas assembléias esperavam que nós negociássemos, o Fórum decidiu apresentar uma contraproposta que ainda não havia sido discutida com as categorias: reajuste de 2% retroativo a maio, acoplado a 2% retroativo a junho, de modo que ficasse garantida uma reposição muito próxima da inflação dos últimos 12 meses. Em ato de extrema cautela e responsabilidade, de total compromisso com a Universidade Pública, o Fórum propôs, ainda, que a fórmula de política salarial seria aplicada apenas em janeiro de 2005.

E o que respondeu o Cruesp a essa proposta? Não!!

Ao final da reunião, quando o Fórum afirmou que reconhecia o avanço, embora pequeno, do Cruesp, ao sair do zero e propor antecipar 2% para a data-base, o presidente do Cruesp disse esperar que as entidades informassem adequadamente as categorias, pois o Cruesp não mudou sua posição, apenas a antecipação agora é possível porque mudou o quadro do ICMS. Ato falho, sem dúvida, pois o Prof. Brito fez questão de afirmar, ele mesmo, sua intransigência.

Consideramos fundamental que os reitores entendam que a mesa de negociações não é um campo de batalha, e que negociar é diferente de queda-de-braço.

Afinal, o que querem os reitores e, mais especificamente, o presidente do Cruesp, Prof. Brito Cruz? A rendição das entidades e da comunidade universitária??

A essa postura de intransigência, arrogância, descaso, desrespeito, o que responderam docentes e funcionários das três universidades?

A greve continua!!!

Moção de repúdio

A Assembléia Geral Permanente de Docentes da Adunicamp, em 22/07/04, repudiou fortemente a atitude do grupo Apesar de Você, integrante da diretoria do STU, de utilizar indevida e abusivamente, em seu Boletim Informativo de julho/04, um trecho retirado da Carta Aberta da Adunicamp de 04/07 sugerindo, pela retirada de contexto, que a Adunicamp tenha repudiado a ocupação da reitoria pelos estudantes. Rejeitamos, particularmente, a forma subliminar de argumentação do grupo Apesar de Você de justapor sua própria posição e a posição expressa por uma docente do IFCH ao trecho retirado da Carta Aberta da Adunicamp. Em nome da independência da entidade, lamentamos que com tal atitude o grupo Apesar de Você, no intuito de se justificar, consiga na verdade reforçar a postura agressiva e autoritária demonstrada pela reitoria da Unicamp no movimento de greve que vivemos hoje.